

PAULO ROBERTO ALBIERI NERY

ANTROPOLOGIA DO DESLOCAMENTO

XXII Reunião Brasileira de Antropologia. Fórum
de Pesquisa 04: "Etnografia dos relatos de
viagem".

BRASÍLIA

Julho de 2000

Aquilo que vou chamar durante minha fala de “deslocamento” se refere às práticas e representações que tem uma fundamentação social, portanto, coletiva, mas que dizem respeito às alterações e transformações produzidas nos sujeitos, tanto no plano físico – ao sair de casa, por exemplo – quanto no plano moral, através por exemplo de uma viagem vertical em direção a um conhecimento mais interiorizado de si próprio.

Trata-se portanto de diferentes formas de viagens horizontais como o passeio, o turismo, a excursão e também viagens verticais operadas ao nível da interioridade das pessoas que projetam sobre esses deslocamentos horizontais outros tantos investimentos destinados a encontrar em si mesmos aquilo que o antropólogo Claude Lévi-Strauss definiu como o “tempo mítico”, já que segundo ele “na civilização mecânica (que é a nossa civilização) não há mais lugar para o tempo mítico, senão no próprio homem”.

Em outras palavras, vale dizer que o mito que sustenta o homem contemporâneo está interiorizado no próprio homem, como aquilo que ele carrega em si mesmo, e de cuja significação precisa dar conta. Ora, fazer antropologia em meu modo de ver significa objetivar esse interior pouco iluminado pelo conhecimento que o homem tem de si.

E eu falo aqui não de um ponto de vista do inconsciente do sujeito, como algo interiorizado em cada um de nós que não fosse reconhecido pela consciência, mas sim de uma estrutura inconsciente, que coloca a cada um e a todos nós na mesma condição de ser Pessoa ou entidade paradigmática da espécie humana, seres por isso mesmo capazes de mutuamente nos comunicar através dessa estrutura partilhada.

Para compreender esse ponto de vista pode fazer sentido usar a analogia proposta pelo próprio Lévi-Strauss ao tentar explicar a idéia de estrutura. A estrutura inconsciente seria assim como o estômago, que é fundamentalmente uma estrutura vazia, que tem a função de processar os alimentos que chegam a ele, mas que em relação a esses alimentos não tem nenhuma relação de semelhança. Da mesma forma, a estrutura inconsciente também é uma estrutura vazia que tem por sua vez a função de processar aquilo que chega a ela, no caso, as solicitações de sentido, de significado que a vida lança aos homens. É a essa função que Lévi-Strauss chamou função simbólica.

Qual seria então a função simbólica associada ao deslocamento?

¹ Paulo Roberto Albieri Nery Faculdade de Filosofia, Artes e Ciências Sociais. Universidade Federal de Uberlândia.

Para explicar o meu ponto de vista vou partir de uma constatação hipotética inaugural: o mundo pensado pelo homem está em contradição com o mundo vivido. O mundo pensado, pelo puro fato de ser pensado, abre uma separação crescente entre a inteligência e a vida. Enquanto o mundo pensado tem uma exigência permanente de coisas eternas, que duram para sempre, o mundo vivido é de natureza efêmera, passageira e fugaz.

Da contradição entre um mundo pensado enquanto repetição do mesmo, e um mundo vivido enquanto transformação permanente, resulta uma ansiedade que não será dissipada, nem sequer minorada se aquela contradição não for resolvida em termos lógicos.

Como é possível resolver esse problema lógico colocado pela contradição existente entre mundo pensado e mundo vivido?

Vou buscar uma analogia para compreendermos isto. Pensem na música. A música consegue, num espaço de tempo relativamente breve, aquilo que a vida nem sempre é capaz: a confluência entre um *projeto* (no caso, melódico e harmônico) e a *realização* desse projeto enquanto performance. Em outras palavras, a música oferece do trajeto existente entre projeto e realização uma imagem, um esquema, mas sempre na forma de um modelo reduzido, o qual acelera as peripécias envolvendo combinações de notas musicais, condensando-as num lapso de tempo que a memória pode captar como uma totalidade.

Outra analogia interessante, e que certamente não deixará de alcançar seus efeitos, se refere à profunda diferença notada por Levi-Strauss entre o alvorecer, o nascer do dia, e o entardecer, o pôr-do-sol. Explica esse autor que o nascer do sol é tão somente um prelúdio do dia, e que anuncia enquanto prelúdio os momentos que se vão seguir no decorrer do dia, sem nenhuma prescrição da variedade de tons que eventualmente o marcará. Já o pôr-do-sol é também uma abertura, mas que é colocada no fim do dia, em vez de ser posta no princípio, como acontece nas óperas. Se o alvorecer apenas anuncia o surgimento do dia, o pôr-do-sol, ao contrário, é em si mesmo uma representação completa do dia, com começo, meio e fim.

Mas o pôr-do-sol é uma representação em modelo reduzido, na medida em que traz as diferentes tonalidades do dia (brilho intenso do sol, meia claridade e anoitecer) todas condensadas e aceleradas em sua passagem diante da observação humana. Ora, o nosso prazer de recordar as coisas que vivemos decorre justamente do fato de poder fazê-lo sem os percalços acometidos por ocasião de sua realização original, pois que separamos na recordação os incômodos que de qualquer forma não nos

interessa recriar. Assim como quando experimentamos a visão do pôr-do-sol, visão essa que nos oferece uma memória condensada e também acelerada da passagem do dia, mas não num sentido literal, já que pouca gente haveria que gostasse de reviver os cansaços e sofrimentos que gostam ainda assim de recordar. O gosto pela recordação é próprio do ser humano, embora em si mesma a recordação seja de uma qualidade diferente da própria vida. Estão em campos semânticos distintos, diria Lévi-Strauss. A imagem do pôr-do-sol, ao concentrar num foco de visão condensado o começo, meio e fim daquele dia, rememora para os homens, com uma qualidade diferente, porque pertencente a outro campo semântico, o significado que o dia contém para ele.

Do mesmo modo que uma boneca pode causar prazer a uma menina, ou que um aviãozinho de brinquedo pode trazer prazer a um menino.

Mas a questão permanece: por quê? Isto é, por quê brincar de aviãozinho ou boneca, assim como ouvir música ou prestar atenção num pôr-do-sol pode fazer os homens evocarem significados de outra forma incapazes de serem expressos?

Se respondessemos a essa questão argumentando que essas coisas são símbolos e que através delas estaríamos classificando cognitivamente o mundo de modo a ordená-lo em nosso pensamento, além de serem um meio de evocação das emoções, instrumentos para suscitá-las, canalizá-las e domesticá-las, estaríamos sem sombra de dúvida prestando culto à afetividade. Mas feito isso, permaneceria a questão: como explicar que ocupações tão estranhas – se olhadas por um telescópio de distanciamento – como observar o pôr-do-sol, apreciar uma música, brincar de boneca ou de aviãozinho, pudessem levar a sentimentos de êxtase, de prazer, de encantamento?

Voltemos à música e acompanhemos a trajetória do argumento proposto por Lévi-Strauss, entendendo que se não enfrentarmos a questão do encantamento que ela suscita, estaremos certamente longe de uma resposta plausível.

Uma primeira constatação: o encantamento proporcionado pela música sobrevive a sua execução, e inclusive chega a alcançar sua plenitude depois, quando o ouvinte tem o silêncio já restabelecido, mas ainda se encontra submergido e saturado de música, preso de uma espécie de invasão que o desaloja de sua própria individualidade e de seu ser.

Por quê isso é possível? Porque através da música o mais intelectual dos sentidos, que é o ouvido, submetido que está à linguagem articulada, experimenta um gênero de estado próximo da vida orgânica, das sensações. Escapando do

entendimento, onde reside habitualmente, a significação se conecta diretamente com a sensibilidade. Esta, por causa da música, se investe de uma função superior, que, para o ouvinte, é inesperada: daí resulta o sentimento de gratificação com o qual o ouvinte, transformado em sua essência, é convidado em sua alma a, por um momento, reconhecer-se no corpo. A ordem do inteligível e a ordem do sentido confluem mediados pela função simbólica, agora investida do papel de ordenadora da sensibilidade.

A função simbólica do ouvinte preenche, em um relâmpago de tempo, o hiato entre projeto e realização da frase melódica, cujo fim não previsto por ele é restabelecido em sua concatenação lógica. A função simbólica oferece o meio lógico para restabelecer a síntese entre campos semânticos muito afastados entre si e que por causa desse afastamento poderiam continuar sendo causa de angústia, de ansiedade.

É possível afirmar então que a função simbólica se interpõe entre o mundo pensado e o mundo vivido para garantir que seja superada a resistência que o pensamento oferece ao homem. Como? Oferecendo uma resposta não ao mundo (a vida simbólica não é um reflexo da vida material), nem tampouco ao modo como se experimenta o mundo (a vida simbólica não decorre da vida prática), mas uma resposta ao modo como o homem pensa o mundo.

Vivendo simultaneamente duas sujeições antinômicas, a de viver e a de pensar, o homem atribui à função simbólica o papel de reconstruir a continuidade através de operações práticas, tendo que para isso partir do descontínuo especulativo à partida. Três planos são simultaneamente acionados nesse processo: o real, o simbólico, e o imaginário.

Por detrás das manifestações da vida afetiva pode-se então perceber alterações e transformações provocadas no decorrer de processos ocorridos por operações do intelecto. São somente essas operações que são passíveis de serem conhecidas por nós. Só a elas podemos pretender explicar, já que são unicamente elas que participam da mesma natureza intelectual da atividade que nos empenhamos em compreender.

O verdadeiro trajeto trabalhoso é feito pela própria vida, que é marcada sempre pela oposição entre a esperança e a decepção de uma espera não alcançada, entre as provas e os testes que são precisos vencer e as realizações que deles resultam, entre as esperas e as confirmações que as contemplam. O que a música faz é oferecer desse trajeto uma imagem e um esquema tão somente. Mas uma imagem em

modelo reduzido que permite à memória captar a vida como uma totalidade inteira através desse modelo.

Acontece coisa similar com as práticas de deslocamento. Elas também são modelos reduzidos da vida. Ao englobar a exigência do eterno no intervalo de tempo reduzido da viagem, esta passa a oferecer para o homem a imagem e esquema, de modo concentrado e acelerado, da expectativa que temos da vida. O deslocamento cumpre assim a função simbólica de fazer com que a exigência de “repetição” e de “eterno” se sobreponha à fugacidade do mundo vivido.

A contradição entre mundo pensado e mundo vivido é resolvida através da atribuição à expectativa do papel de função simbólica, mediadora entre a promessa daquilo que se espera que venhamos a ser ou ter, e aquilo que de fato acabamos sendo ou tendo.

“O homem é uma corda amarrada entre um fato e uma promessa”

O problema lógico da contradição entre mundo pensado e mundo vivido é então resolvido pelo deslocamento de duas maneiras: negativamente, nos desapontando em relação àquilo que teríamos querido experimentar mas sem sucesso; e afirmativamente, preenchendo nossas expectativas para além do que seríamos capazes de antecipar.

Nesse sentido os deslocamentos são rituais simbólicos que apontam para o hiato existente na condição humana, entre o que temos expectativa de ser e o que de fato terminamos por ser, sempre *seres incompletos*. O reconhecimento simbólico que buscamos em todas as instâncias da vida é um modo de alcançar a completude sempre inexistente ao nível de cada um de nós.

CONCLUSÃO

A título de conclusão gostaria de apresentar uma hipótese para entender através de uma análise lógica essa incompletude. É que o homem não percebe a realidade como uma máquina fotográfica faz, meramente registrando os estímulos recebidos do exterior. O homem mapeia a realidade percebida através de categorias abstratas do pensamento que o ajudam a estabelecer e reconhecer um padrão de relações entre os fatos que observa.

Essas categorias são como a demarcação simbólica desse mapeamento, que se desdobra numa memória semântica, ou seja, a construção na memória de um padrão de relações que estão sempre se repetindo na vida da pessoa, pois passam a servir como padrão de referência para o reconhecimento de correspondências, ou não, encontradas no presente perceptual.

É dessa forma também que o homem projeta para o futuro um padrão de antecipações. Do mesmo modo que a memória semântica permite ao homem reconhecer no presente perceptual que ele vive correspondências entre o esperado e o vivido, e descobrir também discrepâncias, assim ele opera através das antecipações. Elas projetam para o amanhã um padrão de relações cuja realização constitui a mediação necessária entre o mundo pensado e o mundo vivido. Se as expectativas discretas anunciadas por certas antecipações não se confirma, ou fica aquém de se confirmar, sofremos com esse fato. Os sentimentos de ansiedade, dor, angústia expressam no plano psíquico e físico a resistência oferecida no plano da inteligência ao modo como o homem pensa o mundo. Da mesma forma que se as expectativas são mais do que preenchidas, elas oferecem uma gratificação na forma de prazer, alegria, felicidade decorrentes da superação ao nível do pensado da referida contradição.

É nesse sentido que um grande cineasta italiano, Federico Fellini, comenta em sua autobiografia que, na vida, mais vale a espera da mensagem do que a mensagem propriamente dita. Somos seres da espera, pois superamos a contradição entre mundo vivido e mundo pensado fazendo com que a expectativa cumpra a função simbólica de reunir realidade e fantasia.

E se somos seres da espera, nossa incompletude se realiza na busca sempre eternamente renovada de alcançar essa completude sempre esperada e nunca vivida, senão naqueles momentos de êxtase que a vida só é capaz de oferecer quando recorreremos às distintas formas de deslocamento - seja para outro lugar, seja para uma

interioridade outra. Quando vivemos como deslocamento o encontro com uma bela música, um cenário paradisíaco, ou um outro ser humano especial...

Blackbird

Blackbird singing in the dead of night

Take these sunken eyes and learn to see

All your life

You're only waiting for this moment to be free

Blackbird singing in the dead of night

Take these broken wings and learn to fly

All your life

You're only waiting for this moment to arise

Blackbird fly blackbird fly

Into the light of the dark black night.

Lennon/McCartney